

## LUZES E SOMBRAS: OS CIGANOS NO RIO DE JANEIRO DA BELLE ÉPOQUE

Isabella de Jesus<sup>1</sup>

### Resumo

O fenômeno da modernidade no Rio de Janeiro causou um impacto que foi além das mudanças sofridas pelo espaço urbano. Na tentativa de recriar a Belle Époque europeia no Brasil, a população carioca sofreu o que podemos chamar de um efeito colateral negativo. Isso se deve ao fato de que as transformações desse período prejudicaram ainda mais as pessoas que viviam à margem da sociedade, especialmente os ciganos. Esta pesquisa, portanto, conta com o aporte teórico da *Sociologia* (1985), de Walter Benjamin, da historiografia do norte-americano Jeffrey Needell e da crítica literária, sobretudo, do brasileiro Antônio Candido, para investigar a participação dos ciganos na cidade carioca através da literatura. Analisando os folhetins jornalísticos do séc XIX e a obra *Factos e Memórias* (1904) do escritor Mello Moraes Filho, fica evidente a forma como a cultura e os costumes do povo cigano sofreram um apagamento na história do Brasil. Por essa questão, se faz importante investigar como a construção do imaginário carioca foi manipulada pelas elites rurais e imperialistas. Este trabalho visa obter como resultado não só uma reflexão sobre o preconceito para com as minorias, mas também sobre a dinâmica de construção dos microcosmos de poder na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Modernidade, cidade, ciganos, Belle Époque.

### Abstract

The phenomenon of modernity in Rio de Janeiro caused an impact that went beyond changes suffered by the urban space. In an attempt to recreate an european Belle Époque in Brazil, the population suffered what we might call a negative side effect. It was due to the transformations of this period that a lot of people was further harmed by living on the margins of society, the gypsies in particular. This research, therefore, counts on a theoretical contribution of the *Sociology* (1985), by Walter Benjamin, as well as the north american Jeffrey Needell's historiography of Rio de Janeiro and brazilian Antonio Candido's literary criticism, above all. Analysing some newspaper serials of the XIX century and the literary oeuvre *Factos e Memórias* (1904), written by Mello Moraes Filho, it is evident how gypsy people's culture and customs suffered an erasure in the history of Brazil. For this reason, it is important to investigate how the construction of the *carioca* imagery was manipulated by rural and imperialist elites. This work aims to obtain as a result not only a reflection on prejudice towards minorities, but also on the dynamics of building microcosms of power in brazilian society.

**Keywords:** Modernity, city, gipsies, Belle Époque.

---

<sup>1</sup> Estudante de Letras (Português-Literaturas) da UFRJ, bolsista de Iniciação Científica pelo CNPQ, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento. Este trabalho contou com o apoio do CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio de Bolsa PIBIC.

---

## Introdução

O povo cigano foi imortalizado, ao longo dos tempos no imaginário e nos meios de comunicação como povos nômades que desafiam a sociedade ocidental sedentária. Dimitri Fazito, em seu texto *A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações* afirma que o rótulo ‘cigano’ abarca uma série de etnias, cujas origens também são bastante diversas, oriundas de variadas partes da Europa, como os *calon, roma, kalderash, moldovaia, sibiaia, borabano, lovaria, mathivia e sinti*.<sup>2</sup>

No Brasil, o primeiro documento que fez menção aos ciganos foi o *Alvará de D. Sebastião*, de 1574, que decreta o degredo para o Brasil ao cigano João Torres e sua família (PIERONI, 1991). Vistos como “indesejáveis” em Portugal, os ciganos tiveram sua imagem construída a partir de estereótipos negativos, que os classificavam como “desordeiros e incivilizados”:

Na história dos chamados ciganos, também experimentamos e imaginamos uma tradição cultural complexa com base em representações, memórias e impressões cristalizadas em uma consciência coletiva – está o produto de disputas e dissensões no campo das relações interétnicas –, que em muito se assemelham a emblemas entre emblemas constantemente reformulados em um “zodíaco de fantasmas da mente”.

Porque a imagem do “cigano” é o espelho em negativo da sociedade ocidental, sedentária e moderna, que inscreve seus diacríticos no corpo do indivíduo (e seu grupo) e, portanto, nomeia à força da opressão física e simbólica o espaço marginal destinado àqueles que perderam a luta antes mesmo de terem reconhecido sua posição no jogo.

Assim, o cigano é tido e visto como *selvagem* – um *mau selvagem*, desde os primeiros contatos no Ocidente, identificado como sarraceno imoral, ignorante e herege, facínora e covarde. Na melhor das hipóteses, o estereótipo cigano negociado com o imaginário *gadjo*, em geral, sustenta a figura de um indivíduo indolente, bárbaro e perigoso (FAZITO, 2006, p.691).

Embora os ciganos sejam parte da história da imigração para o Brasil, vindo de países como Romênia, ex-Iugoslávia, Rússia, Espanha, Portugal etc., eles não ocupam um espaço na história oficial da imigração. Por mais que figurem em muitos documentos históricos, de caráter regulatório e normativo, essa categoria social e étnica nunca foi seguramente reconhecida como tal.

Nesse sentido, este trabalho pretende pensar os moldes que construíram a cidade carioca nas bases de uma cultura eurocêntrica, com todas as suas exceções, controvérsias e problemáticas. Através de uma perspectiva social, política, mas, principalmente, literária, o fenômeno da modernização será tratado como a chave para entender como a cidade passou a ser reconhecida por diversas nuances. Estas, por sua vez, vão e vêm, criam verdades e depois as desmentem, ganhando caráter menos individual e mais coletivo. Ou seja, a cidade cria mais um contraste entre o sujeito à deriva e o coletivo marginalizado, como no caso dos ciganos.

## Rio de Janeiro: uma Belle Époque tropical

Na obra intitulada *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século* (1993), resultante da vasta pesquisa feita pelo historiador norte-americano Jeffrey Needell, é possível depreender como a burguesia carioca contribuiu para reproduzir de forma acrítica o ideal europeu e a estética parisiense como reflexo do crescente processo de modernização. Além disso, este trabalho mostra como a alta sociedade carioca contribuiu não só simbolicamente, através da cultura e da

---

<sup>2</sup> Roma é plural de rom, que significa cigano em língua romani, língua falada por ciganos em vários países do mundo. Os ciganos calons falam o chibi ou calon, que corresponde a um léxico derivado do romani. Existe uma grande variante dialetal no romani.

arquitetura, como também financeiramente para sustentar o movimento positivista e os desdobramentos da Revolução Industrial na América.

A respeito disso, Cordeiro (1995) explica como a reflexão sobre a subjetividade contribuiu para a construção do imaginário moderno. Havia, nessa época, uma reprodução de valores que não se preocupava com os contrastes tão insurgentes entre a precária realidade do continente sul americano e a modernidade essencialmente europeia. Através de um jogo de paradoxos entre a manutenção dos bens simbólicos imperialistas e a inauguração das mudanças concretas, planejava-se a construção de uma cidade quase utópica. Isso se deve ao fato de que a colônia não se encaixava nas circunstâncias políticas, sociais e, muito menos, climáticas de um país tropical.

O trauma do choque pós-guerra, que teve como consequência o declínio da experiência e do gênero narrativo, são colocados por Benjamin (1985) como os pilares da modernidade. Logo, a ausência do pensamento crítico e o afastamento das tradições pressupunham o prelúdio de um novo tipo de sensibilidade urbana. Antes, buscava-se entender e questionar os padrões estruturais da sociedade. Essa busca primária, chamamos aqui de estruturalista, é citada como uma sensibilidade visual ou ótica por Cordeiro (1995).

No contexto latino-americano, a perspectiva do homem em relação à cidade e tudo o que ela engloba é percebida muito antes da Segunda Grande Guerra (1939-1945), e pode ser entendida aqui como os reflexos ou mesmo traumas deixados na população após a guerra contra o Paraguai (1865-70). Segundo Needell (1993), esse conflito pode ter sido uma forte influência nos processos políticos que fundaram a nação brasileira.

Esta concepção de um novo Brasil, embora variasse segundo seus proponentes, apresentava um denominador comum: a reformulação do país conforme os modelos políticos apresentados pelos republicanos norte-americanos e franceses. Ainda mais comum eram os que propunham um modelo de desenvolvimento baseado nos mesmos mecanismos de modernização que impulsionavam a industrialização nos países do Atlântico Norte (NEEDEL, 1993, p. 23).

A dispersão do olhar mais individualista e menos crítica sobre a cidade fez com que a chamada sensibilidade ótica perdesse espaço para o encetamento da sensibilidade tátil (CORDEIRO, 1993, p. 19), cuja essência é a contemplação desinteressada, descontínua, resultante da reprodução dos bens simbólicos, ou seja, da potência visual que a cidade poderia ostentar através da propaganda de um estilo de vida supostamente luxuoso.

Como consequência dessa nova perspectiva, tanto os intelectuais do setor médio quanto a camada mais popular viram-se impotentes frente às drásticas mudanças no cenário estético e sociopolítico, insuflados pelo ministério conservador e pela burguesia composta pelas famílias descendentes das elites rurais. Sem contar, claro, com o apoio, ainda que parcialmente velado, da nobreza lusitana em transformar o Rio numa segunda Paris, desta vez tropical.

“O edifício político inicial do Brasil independente adaptou-se ao terreno moldado por uma sociedade agrária em geral confinada a uma estreita faixa costeira de cidades portuárias e áreas subjacentes, ao passo que o vasto interior permanecia pouco conhecido ou habitado” (NEEDEL, 1993, p.19). Em geral, os descendentes de negros escravizados, os artesãos, meeiros empobrecidos e outros nichos desfavorecidos da sociedade destinavam-se a viver ou mesmo vagar pelas periferias e foram eles que compuseram os subúrbios da cidade.

Além dos extremos, havia uma terceira classe no meio desses dois extratos sociais. Considerada, a princípio, uma camada estreita, o setor médio da sociedade era composto por pequenos lojistas,

profissionais liberais e empregados dos escritórios. Mas por estarem em minoria, estes viviam de certa forma, pressionados por ambos os lados.

Com o crescimento dos entrepostos urbanos, estes trabalhadores passaram a manter maior contato com as províncias europeias e, assim, encontraram oportunidade de se intelectualizar. Essa dinâmica contribuiu para o início de uma revolução política que contestava tanto os senhores de engenho, quanto o tradicionalismo econômico e cultural, que já estava em vigência há muito tempo, devido à estrutura agroexportadora.

Pode-se dizer que o final do século XIX foi marcado por mudanças políticas, sociais, mas também literárias, pois a Revolta da Armada e a reação florianista em 1893 desarticularam completamente a vida literária do Rio de Janeiro (BROCA, 1963). Neste cenário, os escritores enfrentaram uma necessidade de renovação, assim como a própria cidade.

A literatura do final do século passou a ser, portanto, sinônimo da modernização da cidade. Assim, o prefeito Pereira Passos procurou incentivar os chamados “espetáculos mundanos”, que se tratavam de conferências literárias cujo objetivo principal era promover a reunião da alta sociedade: “as palestras costumavam ser proferidas por famosos nomes das Artes e das Letras, entre os quais se destacavam Coelho Neto e Olavo Bilac” (YUNES, 2004, p. 80).

O surgimento da urbanística como ciência teve como principal objetivo solucionar os problemas de insalubridade e o chamado “inchaço populacional”. Inspirada pela Belle Époque europeia, o projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro implicou a marginalização, sobretudo, das camadas mais populares da sociedade, cuja forma de subsistência não havia como ser outra, senão viver pelo nomadismo. Nesse meio, estavam os ladrões e os ciganos, descritos na obra de Mello Moraes Filho (1844-1919). O escritor e historiador deixa claro, em sua obra, como o fenômeno da modernidade contribuiu para transformar a cidade em um espaço para a construção dos microcosmos de poder.

Já Walter Benjamin no ensaio *Autor como Produtor* presente na coletânea *Sociologia* (1985), tratou de questões sociais que se aproximam deste cenário da república brasileira, sob a perspectiva da indústria de produção em massa. Sua visão sobre as reformas de cunho político, social e econômico, que através da ascensão do cientificismo e da industrialização acarretaram na literatura, são fundamentais para o nosso estudo.

Ainda que numa época avançada, a visão do ensaísta sobre o impacto da reforma literária, decorrente de uma crise e/ou revolução, parece fazer bastante sentido quando comparado ao nosso contexto. Logo, Benjamin aproxima o escritor, seja ele romancista ou não, à figura do proletariado, afirmando que “a imprensa é a instância decisiva nesse processo, e todo estudo do autor como produtor tem, por isso, de chegar até ela” (BENJAMIN, 1985, p. 180). Ou seja, os intelectuais escritores que retratavam a vida cotidiana nos folhetins dos jornais, tinham como propósito, não somente entreter, mas principalmente fornecer um retrato fiel da sociedade marginalizada de sua época.

Infelizmente, civilizar a cidade do Rio não implicou somente demolir os antigos prédios e casas coloniais, mas também exterminar tudo que remetesse a uma cultura escravista. Assim, muitos grupos sociais sofreram perseguição e se viram obrigados a migrar para a periferia. Além de tudo, foram culpados pelo governo como causadores da contaminação que assolava a saúde ambiental do Rio de Janeiro. “Os estudiosos se lembrarão também da participação de Oswaldo Cruz, escolhido para liderar o esforço de erradicação da peste bubônica, da febre amarela e da varíola na cidade.” (NEEDELL, 1993, p. 55).

Nesse sentido, a cidade, no limiar do século XX, passou por uma grande reforma urbana, inspirada principalmente na beleza dos salões e do luxo parisienses. Inspirado pelo slogan “bota-abaixo”, criado, sobretudo pelos bacharéis intelectuais, o plano que precisava ser cumprido pelo prefeito Pereira Passos era camuflar qualquer vestígio dos cortiços, cuja pobreza e precariedade,

supostamente, eram responsáveis por ofuscar a beleza da cidade. Portanto, o prefeito procurou alargar as ruas estreitas para a construção de grandes avenidas. Seguindo as palavras de Cordeiro (1995), “na cidade moderna não há formas delimitadas, há o todo caótico” (CORDEIRO, 1995, p 25).

Para Broca (1963), é possível identificar três objetivos principais no processo de aproximação do Rio àquela fisionomia parisiense: o primeiro seria a reforma estética, que diz respeito ao surgimento de majestosos prédios como a Biblioteca Nacional, o Teatro Municipal e a Escola de Belas Artes. O segundo é a reforma sanitária, que promoveu obras para o escoamento das águas pluviais, para o esgotamento subterrâneo e um sistema mais eficaz de abastecimento, incentivados na zona sul pelo médico e sanitarista Oswaldo Cruz. E o terceiro é, claro, a reforma viária, tendo em vista a construção da Praça Mauá e de tantos outros pólos urbanos decisivos para a chegada dos automóveis e para a facilitação da mobilidade urbana.

Com o golpe instaurado no dia 15 de novembro de 1889, foi instituída a República através da união entre os jovens oficiais radicais e do líder do Exército, que se tornou o primeiro presidente, Deodoro da Fonseca (1827-92). Numa série de acontecimentos confusos, os quais envolveram muitas revoltas, instabilidade econômica e, ao mesmo tempo, emergência de grandes reformas, o primeiro presidente a remodelar a capital do país, Rodrigues Alves (1848-1919), foi eleito. Graças a ele, Pereira Passos foi nomeado para a prefeitura da cidade, instaurando, finalmente, construções que mudariam para sempre o rumo da história no Brasil. Algumas dessas mudanças são descritas no trecho:

Pavimentou ruas, construiu calçadas e asfaltou estradas, abriu o túnel do Leme, [...] iniciou a avenida Atlântica, criou a avenida ligando os subúrbios do Flamengo e Botafogo, melhorou uma série de outras ruas, demoliu o decrépito mercado municipal que desfigurava o bairro da Glória, e ergueu outro perto das instalações portuárias e do movimento da Cidade Velha, embelezou locais como as praças Quinze de Novembro, Onze de Junho, Tiradentes, Glória. o largo do Machado, o Passeio Público e o Campo de Santana. Pereira Passos atacou também algumas tradições cariocas. Proibiu a venda ambulante de alimentos, o ato de cuspir nos bondes, o comércio de leite em que as vacas eram levadas de porta em porta, a criação de porcos dentro dos limites urbanos, a exposição da carne na porta dos açougues, a perambulação de cães vadios, o descuido com a pintura das fachadas, a realização do entrudo e os cordões sem autorização no Carnaval. assim como uma série de outros costumes “bárbaros” e “incultos” (NEEDEL, 1993, p.57).

Certamente, essas medidas afetaram negativamente as classes marginalizadas que povoavam a cidade, dentre elas os ciganos. Apesar de a pouca bibliografia dificultar o nível de veracidade acerca dos fatos sobre a passagem desse grupo étnico pelo Rio de Janeiro, bem como sobre a sua chegada ao Brasil, seus costumes e rituais podem ser deferidos através da análise dos excertos que eram publicados em jornais. Estes serão brevemente analisados a seguir.

### **Os ciganos e o Rio de Janeiro: avessos da cidade**

Um dos primeiros escritores responsável pelo registro dos ciganos na cidade do Rio de Janeiro foi Alexandre José de Mello Moraes Filho (1844-1919). Filho do historiador de mesmo nome, este folclorista deixou uma vasta obra literária do final do século XIX e início do XX, escrevendo desde poesias, passando por textos em prosa, serenatas e chegando a livros de memória, os quais tinham caráter mais documental, não deixando de lado, no entanto, sua subjetividade poética.

Dessa forma, Mello Moraes se destacou, sobretudo, pelo estilo descritivo de seus relatos, especialmente, dos grupos marginalizados da sociedade urbana da época em que viveu. No livro *Factos e*

*Memórias* (1904), por exemplo, ele organiza em capítulos, uma descrição minuciosa da forma como viviam os mendigos, os ladrões e os ciganos nas ruas do Rio de Janeiro.

Portanto, por ser um patriota e crítico do governo oligárquico comandado por Campos Sales e, mais tarde, Rodrigues Alves, sua atuação como historiador e jornalista foi decisiva para o reconhecimento da cultura cigana no Brasil. Para tanto, ele contou com o apoio de Edmundo Bittencourt, diretor do jornal *Correio da Manhã*, precursor da sua obra literária e documental. Trata-se também de uma importante ferramenta para desmistificar os preconceitos e estereótipos referentes a esse grupo ao longo da história.

Um dos espaços onde havia maior concentração dos povos ciganos recebeu o nome de Campo dos Ciganos. No capítulo seguinte à *Quadrilha de Ciganos*, Mello Moraes descreve o território que compreendia esse espaço que, posteriormente, ficou conhecido como Campo de Santana e, atualmente, está situado na Praça Tiradentes.

A presença cigana, no Rio de Janeiro, é percebida a partir do início do século XVIII e é marcada pela presença maciça de ciganos no Campo de Santana, planície alagadiça, posteriormente chamado de Largo do Rossio (atual Praça Tiradentes), que ficou conhecido como Campo dos Ciganos (COUTINHO, 2013 p.22).

A forma como Mello Moraes descreve as viagens e os costumes do dia-a-dia dos ciganos na cidade é bastante detalhada, logo, impressiona o leitor contemporâneo, tendo em vista a forte característica da verossimilhança, amplamente estudada pela crítica literária.

A cidade como espaço de circulação de pessoas criava uma imagem dos ciganos como sujeitos que ameaçavam a segurança, dessa forma, sua presença era constante nos jornais, nas mais variadas formas. Ou seja, os ciganos tinham a sua imagem conformada do engodo à desordem. Estes são comentados nas colunas do jornal de grande circulação *O Paiz* (1904). Na edição do dia 5 de janeiro de 1904, há uma crônica, por exemplo, em que um homem cigano faz uma encenação em praça pública e é ovacionado pelo público como um endemoniado. Além disso, ele é descrito como um indiano, provavelmente, por conta da tonalidade de sua pele.

E começou a enterrar os punhaes no peito, sorrindo, mostrando a grande dentadura amarela, como se estivesse a experimentar uma deliciosa sensação com os estranhos golpes.

Os espectadores, pallidos, suplicavam-lhe, ordenavam-lhe que não proseguisse.

[...] Naquele retiro, desprezando os conselhos de timoratos que lhes diziam que não fossem lá, que o cigano tinha parte com o diabo e que à noite virava lobisomem, tres homens corajosos resolveram certa noite ir ao encontro do mysterio discipulo do maior fakir do mundo (O PAIZ, 05-01-1904, ano XX, n° 7.054, p. 1).

No trecho acima e em muitos outros, há uma narrativa curta, que satiriza a imagem do protagonista, nesse caso, um cigano. Este gênero pode ser associado, portanto, a uma crônica policial. No século XIX, as crônicas eram publicadas exclusivamente nos jornais, ao lado dos folhetins, logo, seu conteúdo podia ser descartado diariamente. Candido (1992), afirma que a crônica “se ajusta à sensibilidade de todo dia”.

Assim, ele cria uma forma de expressão metafórica para caracterizar este gênero textual, afirmando que os cronistas permanecem ao ‘rés-do-chão’. Ora, já que os cronistas tinham noção da efemeridade do seu trabalho, não esperavam que suas histórias fossem perdurar por anos. Por mais contraditória que pareça esta situação, a ingênua crença de que os folhetins fossem um conteúdo

descartável e, portanto, não seriam arquivados, contribuiu para desconstruir a escrita pedante e conservadora dos grandes intelectuais. Esta desconstrução trouxe os relatos para mais perto dos leitores populares, através de uma linguagem simplificada.

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1992, p. 13-14).

“Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias” (CANDIDO, 1992, p.16). Ainda assim, o teor leve da crônica não deve ser confundido com algo incomunicável ou não-intencional. Pelo contrário, a visão do cotidiano e da vida crua de seus personagens serve como ferramenta para causar uma reflexão ao leitor. E, talvez, esta seja uma forma mais eficaz de fazê-lo do que com base em um desgastante aporte teórico.

Apesar dos jornais parecerem tratar majoritariamente dos ciganos destacando seus aspectos negativos, Mello Moraes também os descreveu positivamente. Não é possível, no entanto, comprovar a veracidade dos fatos e nem dos diálogos registrados nesse documento, ainda mais por se tratar de uma obra que oscila entre os gêneros literário e não-literário, dando margem para uma interpretação dos acontecimentos como fatos, mas também como conteúdo ficcional.

Ao abrir o agradecimento da obra *Factos e Memórias*, nota-se que seus relatos são, na verdade, provenientes dos seus escritos na coluna do jornal *Correio da Manhã*. O Capítulo intitulado *Quadrilha de Ciganos* é o terceiro do livro e este, por sua vez, se divide em três partes, cada qual com suas especificidades que são notadas logo na introdução, em formato de sumário:

Ciganos em viagem. - Prevenções e precauções. - Os motivos. - Acampamentos matinaes, - Intimação official e depredações consecutivas. - Modo de viajar. - A' sombra dos arvoredos. - Multiplas aptidões. - O primeiro roubo. - A praga da cigana. - Nos ranchos. - Preparativos e partida. - Maguada canção. - A luz nas trévas. - Beirando as fazendas. - Belleza de typos. - O reverso da medalha. - O chefe dos bandidos. - Em marcha. - Compatibilidades com a vida equestre. - Renhidos combates. - A duas leguas das povoações. - Disposição do bando. - As berganhas e os furtos. - Peões e embusteiros. - Os ciganos na natureza (MELLO MORAES, 1904, p. 95).

A partir dessa espécie de resumo da primeira parte, o autor organiza os relatos do que, supostamente, observou sobre as andanças dos ciganos. Dentre eles, há alguns fatos curiosos, sobre os quais vale a pena comentar.

Apesar de andarem sempre em bandos, os ciganos também são descritos como seres solitários: “E que essas tropilhas, eternamente vagabundas, sem pouso certo e sem lar, hospedes de todos os perigos e de todas as solidões, ameaçam a propriedade com os assaltos e as pilhagens, a boa fé campeзина com escamoteações e embustes” (MELLO MORAES, 1904, p.96). Além disso, dá-se a entender que a criminalidade é provavelmente, uma das poucas opções que lhes resta para sobreviver, já que são sempre descritos como caravanas que andam com poucos recursos e em situações muito precárias em relação às vestimentas e à própria higiene.

[...] Matronas e moças descalças ou de alprecatas, carregam a tiracollo trouxas de roupa, levando á cabeça bahús e utensilios diversos; outras, aquellas que são mães, trazem amarrados nas costas, ao hombro ou escanchados os filhos pequeninos, morenos como bronzes antigos, nús e esportos como vermes que pulam (Ibidem, p. 97).

Os homens são descritos como cangaceiros, sempre encobertos por objetos de couro, com peças de fazendeiros, pistolas e facas amarrados às cintas. Estes objetos são utilizados por eles nos combates nas ocasiões em que o furto gera conflito ou para se protegerem à noite. Já que seus acampamentos são montados a céu aberto e eles vivem em situação de completo nomadismo. Aparentemente, andavam acompanhados de animais de carga como cavalos, mulas e burros.

O anoitecer é retratado por Mello Moraes de forma bastante poética, enaltecendo as canções, as quais faziam parte da tradição e da rotina dos ciganos. Em contraste com o clima tranquilo sob a lua e o sereno, estão os supostos maus hábitos relacionados à forma como se alimentavam. O autor declara a predileção desse povo pela carne de porco, por exemplo, A comida era consumida no chão os nas esteiras, sem o auxílio de talheres, somente com os dedos, num ato de desespero e ansiedade, devido ao constante estado de fome.

Por outro lado, eles pareciam buscar manter sempre a tradição de cantar e tocar instrumentos juntos, geralmente, reunidos em roda, em volta de uma fogueira. Isso mostra que apesar da ignorância quanto às questões de saúde e higiene, os ciganos carregavam uma riqueza cultural e artística muito grande. Este cenário é descrito no trecho a seguir: “E quando cae a noite, um cordão de fogo listra a grimpá dos serros e o interior das florestas, escutando-se ao longe um tinido de viola, e umas cantilenas maguadas, e suavíssimas” (MELLO MORAES, 1904, p. 100). Mello Morais ainda conseguiu escrever a letra do que, supostamente, seria um exemplo de cantiga:

Como o galé deixa os ferros,  
Quando vae livre viver,  
Assim deixarei meus dias,  
Quando tiver de morrer.

A morte, por ser desgraça,  
Não deixa de ser ventura,  
Pois corta pelas raizes,  
Males que a vida não cura.  
(Ibidem, p. 100)

Quanto às mulheres, estas são sempre descritas como subalternas aos homens, pois assumem, sobretudo, a tarefa de cuidar das crianças, levantar e abaixar o acampamento, preparar, ainda que de modo precário, as refeições e acender o fogo. A dependência desse grupo em relação ao feminino transparece desde a delimitação das suas obrigações como mãe e esposa dentro do sistema patriarcal, no qual nem mesmo os ciganos saem isentos, como também pela exaltação da sua beleza física. Era importante para a mulher cigana se manter sempre vaidosa e cheia de adornos.

Aqui e além, criaturas trigueiras e formosas, de olhos rasgados e fascinantes, adornadas de ouro e de pedrarias falsas, de patuás, moedas e veronicas, perambulavam vivissimas, pelos lenços de ramagens, encarnados e amarellós, que lhes toucam os cabellos (Ibidem, p.98).

No entanto, a vestimenta exuberante também poderia carregar um símbolo de reprovação ante à sociedade, devido ao costume de se associar a figura desta mulher sempre às cartomantes e feiticeiras. De fato, este caráter exotérico, que acompanha de forma exaustiva os povos ciganos, está, intimamente, relacionado ao feminino. O que, ironicamente, pode ser associado ao evento bíblico do “pecado original”, sentenciado por Eva, ao aceitar comer do fruto proibido na Gênese da narrativa cristã. Em ambos os cenários, é possível perceber o peso da moralidade para a mulher, bem como as responsabilidades que ela carrega, muito mais que os homens: “Deitando cartas, prescrutando o destino, as horrendas feiticeiras fazem tregeitos, acercando-se dellas os tabaréus com os filhinhos, para que lhes leiam a sina na mão aberta e pequena.” (Ibidem, p. 99).



## Considerações finais

Através de um panorama sócio histórico dos principais acontecimentos que regeram o final do século XIX, buscamos, com este trabalho, investigar as profundas mudanças que implicaram o modo como os escritores e jornalistas retratavam a realidade brasileira. Mesmo com o objetivo de aproximação do modelo de civilização europeu, a literatura enquanto arte não se omitiu ao descrever o proletariado nem os diversos grupos que compunham as divisões destes, como os ciganos.

Portanto, nas palavras de Benjamin (1985), “a ciência e as belas-letas, a crítica e a produção, a cultura e a política seguem sentidos divergentes, sem qualquer relação ou ordem em si”. Pois se não fosse pela arte, como a cultura seria capaz de perpetuar os ideais e valores que compõem o imaginário dos cariocas até hoje?

Resta-nos agora procurar averiguar como essa realidade ainda pode ser combatida ao invés de reproduzir os mesmos pensamentos infundados e, portanto, preconceituosos, acerca dos costumes e, mesmo, do caráter dos ciganos, assim como dos demais grupos marginalizados no Rio de Janeiro.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. **Sociologia**. Trad. Flavio Koth. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BROCA, Brito. **A vida literária dos 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: \_\_\_\_\_. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.p. 13-20.
- FAZITO, Dimitri. A identidade cigana e o efeito de “nomeação”: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2006, V. 49 N° 2, p.689-729. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ra/v49n2/07.pdf>. Acesso em 10/12/2019.
- MELLO Moraes Filho. 1904. Quadrilha de Ciganos. In: **Fatos e Memórias**. Rio de Janeiro: Garnier, Parte III [reproduzida IN: Mota, Ático Vilas-Boas de (org.) 2004. Ciganos: antologia de ensaios, Brasília: Thesaurus, pp.19-39].
- NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**. Sociedade e Cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COUTINHO, Cassi Ladi Reis. Perturbadores da ordem: ciganos, mero caso de polícia? In: **Anais**. XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Professores Universitários de História- Regional Rio de Janeiro: Saberes e práticas científicas, 2014. p. 1-16. Disponível em [http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1397360383\\_ARQUIVO\\_PERTUBADORESDAORDEMANPUHRJ2014.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1397360383_ARQUIVO_PERTUBADORESDAORDEMANPUHRJ2014.pdf). Acesso em 15/10/2019.
- CORDEIRO, Marcos Rogério. A cidade e as antinomias da modernidade. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n.3, p. 19-24, 1995.
- OSWALD, Maria Luiza M. B. Literatura e Formação: uma leitura benjaminiana de Lima Barreto. In: YUNES, Eliana. **Experiência da Leitura (A)**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- PIERONI, Geraldo. **Vadios, heréticos e bruxas: os degredados portugueses no Brasil-colônia**, 1991. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1991. Disponível em [https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1991.\\_pieronigeraldo.\\_vadios\\_hereticos\\_e\\_bru\\_xas.\\_os\\_degredados\\_portugueses\\_no\\_brasil-colonia.pdf](https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1991._pieronigeraldo._vadios_hereticos_e_bru_xas._os_degredados_portugueses_no_brasil-colonia.pdf). Acesso em 10/10/2019.
- Periódico Consultado**  
O PAIZ, 05-01-1904, ano XX, nº 7.054, p. 1.